

## **"PENA DE VIDA": VIVER NUMA SOCIEDADE SOB A IRA DO CRIADOR**

Wilbur (Dr. Gilberto) Norman Pickering, ThM PhD

### **Exposição do Texto Bíblico**

Bem no começo da história humana, "ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: '. . . da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás, pois no dia em que dela comeres, certamente morrerás'" (Gn. 2.16-17). Dito e feito, Adão comeu e imediatamente perdeu sua comunhão com Deus — a morte espiritual tinha começado. A morte física também. Não tardou, houve a primeira morte violenta (Gn. 4.8). As coisas pioraram de tal sorte que menos de 2.000 anos depois o Criador se viu na necessidade de destruir a terra, completamente. A terra após o dilúvio foi outra, com topografia e clima bem diferentes da primeira. E tinha só oito seres humanos para começar tudo de novo. Foi a esses oito que o Criador decretou uma norma básica, norma que perdura até hoje.

Certamente requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem. Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; pois Deus fez o homem à sua imagem (Gn. 9.5-6).

Observar que o que está em jogo é **a imagem de Deus**. Assassinar a imagem de Deus é crime de tal monte que o Criador só admite uma maneira de expiar: o assassino tem que ser executado. Quem privar a outrem de vida sem justificação adequada (i.e. estabelecida pelo Criador: executar assassino, matar ladrão de noite [Ex. 22.1-4 — não havia prisão; delitos se resolviam na base da restituição ou indenização], etc.) tem que pagar com a própria, pois não há como indenizar. Isso a vida física. Mas se a pessoa assassinada morreu incrédula, perdeu a vida eterna também. Privar alguém da possibilidade de alcançar vida eterna (matando antecipadamente) é um crime sem tamanho — é difícil medir. Aí não há mesmo como expiar ou indenizar. Deixar o assassino impune vale dizer que a pessoa assassinada não tinha valor — a imagem de Deus não tinha valor, a vida física não tinha valor, a vida eterna não tinha valor. Isso é intolerável. Suponho ser por isso que o Criador exige a pena máxima em caso de assassinio.

Agora quero seguir a seqüência cronológica (mais ou menos) da revelação divina sobre o assunto. Vejamos Gênesis 38.8-10. O Texto Sagrado declara que Deus matou Onã. Porque? Não foi por não querer dar descendência a seu irmão — debaixo do rigor maior da Lei de Moisés a pena disso era "meramente" a humilhação pública, não a morte (Dt. 25.5-10). No tempo de Onã não existia a Lei mosaica ainda. Até aí só um crime acarretava a morte, exatamente o assassinio. Sendo que a vida está na semente, quando Onã despejou a semente no chão ele matou a vida humana na semente, propositadamente — assassinou. E Deus cobrou! Podemos acrescentar aqui Êxodo 21.22-23. Um feto também é gente, e quem provocar a morte de um feto leva a pena máxima.

Em Gênesis 42.22, Rúben, que durante anos vinha imaginando que José tivesse sido morto, entende que Deus agora está cobrando o sangue de José. Em Êxodo 20.13 o sexto mandamento é, "não assassinarás". Em Êxodo 21.12 Deus repete o decreto da pena máxima — "certamente será morto"! No verso seguinte Deus isenta a morte sem querer, até assumindo a responsabilidade — "Deus permitiu". Mas no verso 14 Deus volta ao caso do assassino; para esse tal não há isenção; tem de morrer! "Tira-lo-ás até mesmo do meu altar, para que morra." Vejam que coisa! Naquela época o altar representava exatamente o caminho da expiação dos pecados. Correr para o altar era a maneira de reclamar a misericórdia e proteção de Deus, mas para assassino o Criador nega esse expediente — assassino tem que ser executado. Por mais que alguém não goste, o Criador é irredutível — quem propositadamente matar a imagem de Deus (sem justa causa) terá de ser morto por sua vez; não há indenização.

Agora consideremos Números 35.15-34, passagem das mais relevantes exatamente porque trata das cidades de refúgio. O Criador faz uma distinção básica entre quem mata sem querer e quem mata de propósito. Designa seis cidades para acolher e proteger o homicida sem querer, exatamente para evitar a morte de homicida 'inocente' (matou sem querer) (Dt. 19.5-6). Mas atenção para um detalhe que enfatiza sobremaneira o valor que o Criador atribui ao 'sangue'. O

'sangue' tem um valor tão elevado que se o homicida inocente sair da cidade de refúgio (por qualquer motivo, e antes da morte do sumo sacerdote) e for encontrado e executado pelo "vingador do sangue", esse vingador "não será culpado" (Num. 35.27, 32). Mesmo sem querer, o homicida tinha derramado sangue, e as conseqüências eram sérias. Agora, para o assassino não havia misericórdia—"o homicida será morto" (v. 16); "o homicida será morto" (v. 17); "o homicida será morto" (v. 18); "o vingador . . . mata-lo-á" (v. 19); "o vingador mata-lo-á" (v. 21); "será morto" (v. 30). Em fim, "Não aceitareis resgate pela vida do homicida, que é culpado de morte. Ele certamente morrerá" (v. 31).

Porque Deus é tão severo? A explicação é dada no verso 33 (ver também Dt. 19.13): "Não profanareis a terra em que estais. O sangue profana a terra, e nenhuma expiação pode ser feita pela terra por causa do sangue que nela for derramado, exceto pelo sangue de quem o derramou." O sangue profana a terra. *O sangue profana a terra. O sangue profana a terra. O SANGUE PROFANA A TERRA. O SANGUE PROFANA A TERRA!!!* E nenhuma expiação pode ser feita pela terra . . . exceto pelo sangue do assassino. Vejam bem: no meio de todos os sacrifícios e holocaustos relatados no Velho Testamento, não existe sequer um para assassino — não existe. Irmãos, vamos levar a sério o Texto Sagrado. Vamos? Se o próprio Criador **proíbe** aceitar resgate pela vida do assassino, como iria Ele oferecer esse resgate?

Atenção irmãos: o sangue de Cristo e a graça de Deus não nos livram, necessariamente, das conseqüências nesta vida dos nossos pecados. Quem adulterar leva conseqüências até a morte. Quem torar o pé fica sem esse pé até a morte. Etc. E nem tem que ser pecado: se eu matar meu filho sem querer, fico sem esse filho até a morte. Levamos também as conseqüências dos pecados dos outros. O sangue de Cristo e a graça de Deus não nos livram (necessária ou automaticamente) das conseqüências, para esta vida, dos nossos delitos (e nem dos outros). O Criador exige a morte de assassino. Quer dizer, a morte física. Assassino pode abraçar o Evangelho de Cristo e salvar a alma, a exemplo do malfeitor na cruz — aquele malfeitor confiou no Senhor Jesus e foi para o Céu, mas nem por isso escapou da morte física naquela hora. Pagou por seu delito.

Deuteronômio 21.1-9 mostra mais uma vez a importância que o Criador atribui ao problema. Achando-se um cadáver, sem haver como identificar o assassino, é exigido um procedimento detalhado para o povo se livrar da **culpa do sangue**. Esse procedimento era bastante exigente, reforçando assim a gravidade dessa culpa. (No verso 4 o verbo certo é "quebrar" a nuca.)

2 Reis 24.3-4 esclarece que a queda do reino de Judá se deu por causa das iniquidades de Manassés, e principalmente pelo sangue inocente derramado. "Pois ele havia enchido Jerusalém de sangue inocente, e **o Senhor não quis perdoar.**"

Salmos 106.38,40 repete que o sangue inocente mancha a terra e faz acender a ira de Deus. Provérbios 6.16-17 declara que "o Senhor odeia . . . mãos que derramam sangue inocente." Jeremias 22.3,17-19 mostra que o juízo contra Jeoiaquim se prendeu, em parte, ao sangue inocente. Ezequiel 22.3-16 é mais forte: "Ai da cidade que derrama sangue" (v. 3); "pelo teu sangue que derramaste te fizeste culpada" (v. 4); vv. 6,9 e 12 voltam ao assunto, e vv. 13 a 16 declaram o castigo.

Isaías tem muito a dizer sobre o assunto. Em 1.15 Deus declara que Ele não mais ouve as orações porque "vossas mãos estão cheias de sangue". 1.21 acrescenta que a cidade está cheia de homicidas (obviamente não estão sendo executados). 4.4 fala de limpar Jerusalém da **culpa do sangue** do meio dela. Isaías 59.1-15 chega a ser contundente. Em primeiro lugar é porque "as vossas mãos estão contaminadas de sangue" que Deus não os ouve mais. "Apressam-se para derramar o sangue inocente" (v. 7). Atenção para versos 9-15, que retratam as conseqüências: "a justiça está longe", "só há trevas", "a salvação está longe". Versos 13 e 14 falam da nossa "rebelião e traição contra o Senhor, . . . pelo que a justiça se tornou atrás, e a retidão se pôs longe; a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a equidade não pode entrar." Parece ser um retrato do nosso Brasil atual — de forma geral (com algumas exceções) o povo evangélico do país se caracteriza por "rebelião e traição contra o Senhor", pois condena a pena de morte que o Criador decreta. Deve ser por isso que Deus não ouve as nossas orações em prol da nação. Deve ser por isso que o país se mergulha cada vez mais na corrupção, no caos econômico, na podridão moral, na violência estúpida — sem que apareça solução ou salvação. A nossa terra está poluída pelo sangue inocente derramado sem cobrança, e isso o Criador não perdoa!

Não funciona querer argumentar que a graça de Deus anula a Sua lei moral. Atenção para Romanos 1.18-32, onde fica claro que a aplicação é atual. Tanto assim que no verso 32 a sentença de Deus é que "**são** passíveis de morte" os que praticam as coisas mencionadas (incluindo "homicídio"). "**São**", não "eram" ou "foram" — o verbo está no presente, também no Texto original. Em outras palavras, Paulo afirma que a sentença não mudou; mesmo na época da Igreja, da graça, certas pessoas continuam sendo passíveis de morte — por sentença divina. 1 Coríntios 10.6-12 declara que as experiências de Israel no deserto "aconteceram como exemplos" e "estão escritas para aviso nosso" (v. 11), e arremata: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, cuida para que não caia". Todos os casos citados resultaram em morte física, e se foram registrados "para aviso nosso" é porque podemos enfrentar coisa parecida. Todo cuidado é pouco. 1 Coríntios 6.9, Apocalipse 21.8 e 22.14-15 também foram escritos após o dia de Pentecostes.

(Será que temos uma visão adequada do amor de Deus? "O Senhor corrige a quem ama, e  **açoita** a todo filho a quem recebe" (Heb. 12.6); ver também Apoc. 3.19. [Eu mesmo já fui açoitado, literalmente, e posso assegurar ao leitor que não é agradável.] Em Deut. 33.2-3 o "fogo da lei" é expressão do amor de Deus. Exatamente por estar atentando para o nosso bem-estar maior, o Criador cobra as conseqüências terrenas dos nossos pecados. O amor de Deus inclui necessariamente o ódio ao mal, pelas conseqüências.)

E quanto à Lei de Moisés, o decreto em Gênesis 9.6 independe dela, bem como da aliança com Abraão, pois a antecede por muitos séculos. Se não me engano, a decisão tomada pelo Concílio de Jerusalém e registrada em Atos 15.29 reafirma Gênesis 9. As quatro coisas proibidas (e a proibição é "necessária", v. 28) são expressas no Texto original por uma palavra cada, uma declaração bastante singela, portanto. Tão singela, aliás, que pode dar margem para discussão quando queremos definir o exato sentido pretendido. No entanto, o terceiro item, "estrangulada", parece dizer respeito à proibição primeiro promulgada em Gênesis 9.4 — ingerir sangue é proscrito (ver também Lev. 17.10-11). Assim sendo, o segundo item, "sangue", deve ter outra referência. O candidato mais provável deve ser o sangue derramado, exatamente o decreto de Gênesis 9.5-6. Devemos evitar a "culpa do sangue"; lembrar que essa culpa se acarreta de duas maneiras: assassinar, e deixar de executar assassino.

Que o Novo Testamento não traz nenhuma alteração no posicionamento do Criador quanto à culpa do sangue transparece claramente em 1 Coríntios 11.27-30. Segundo o verso 27, quem beber o cálice indignamente será "culpado do sangue" do Senhor. E qual a conseqüência disso? Verso 30 dá a resposta: "por causa disto, . . . muitos dormem". "Dormem" quer dizer que estão mortos; em outras palavras, Deus matou. Declara o Apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, que no que dizia respeito a "muitos", o Criador tinha cobrado literalmente a "culpa do sangue" — o culpado morreu. Confesso que a severidade de Deus neste caso me surpreende, mas aí está. Que ninguém se iluda; o Criador ainda está cobrando a "culpa do sangue"!

Levítico 18.6-30 proíbe certas práticas porque elas contaminam a terra, e pode chegar ao ponto da terra "vomitar" o povo. Mas que quadro contundente: o próprio solo tem nojo dos moradores! E quais são essas práticas? Todo tipo de incesto (vv. 6-17), relação sexual com mulher em menstruação (v. 19), adultério (v. 20), sacrifício humano (v. 21), homossexualismo (v.22) e bestialismo (v. 23). Verso 29 decreta a pena de morte para todas essas práticas; Levítico 20.1-22 decreta a morte para os mesmos pecados, um por um, terminando com a possibilidade da terra vomitá-los (v.22). Já sabemos que o sangue derramado (sem cobrança) contamina a terra, e que Deus exige a pena de morte para assassinio. Mas porque será que a reação do Criador diante das práticas citadas é a mesma? Suponho que seja pelo seguinte: bestialismo, homossexualismo e sexo com mulher em menstruação destroem a semente do homem, e é a semente que transmite "a imagem de Deus", a vida. São tipos de homicídio, portanto — lembrar o caso de Onã. Sacrifício humano é assassinio óbvio. Incesto e adultério deturpam a semente. Em fim, o Criador leva a Sua "imagem" a sério!

Resumindo, estamos morando numa terra contaminada pela "culpa do sangue". Cada dia dezenas de pessoas são mortas e o governo nunca vinga esse sangue (em casos isolados algum indivíduo vinga, só que aí a "lei" vai em cima do vingador com muito mais afinco do que ia em cima do assassino). O nosso Hino Nacional contem uma frase assim: "dos filhos deste solo és mãe gentil". A nossa Pátria pode ser "mãe gentil", mas que dizer dos "filhos"? Será que o "solo" não está com nojo, querendo nos vomitar? No Brasil atual a lei protege o criminoso mais do que as vítimas.

Se alguém assassinar teu filho, o recurso que tem é chorar teu filho, pois punição para o criminoso não haverá. A sociedade brasileira declara que a vida de teu filho não tem valor, pois qualquer um pode tirar e fica por isso. Pode até ser que você se conforme, mas o Criador não se conforma, Ele não perdoa. Sangue derramado, não. A "imagem" desprezada, não. A terra poluída, não.

### Possíveis Objeções

"Nos poucos países que ainda retêm a pena de morte, não há indícios claros de que essa pena sirva para desestimular o assassinio." Essa questão não vem ao caso. Não é para isso que o Criador decretou a pena. Devemos exigir a pena máxima porque o Criador assim decreta, e só. [Devemos observar, de passagem, que a "pena de morte" nos Estados Unidos é uma farsa, e não deve entrar como argumento nesta questão, a não ser como farsa.] Agora, já que alguém levanta a questão, a maneira em que os meios de comunicação abordam o assunto costuma ser um tanto tendenciosa. Se não me engano, as forças policiais do mundo estão de acordo em que pelo menos 80% dos crimes praticados são praticados por quem já praticou — são reincidências. Mais da metade dos homicídios também são reincidências. Ora, fica óbvio que se cada homicida fosse morto a primeira vez, fatalmente reduziríamos o índice de homicídio em mais da metade. O assassino executado não matará mais, esse não. Estaríamos salvando as vidas de todas as outras pessoas que ele iria matar depois.

"Segundo 2 Crônicas 33.12-13, Manassés chegou a arrepender-se e humilhar-se e alcançou a misericórdia de Deus." É verdade que Deus não o matou por todos os seus terríveis pecados, inclusive muito assassinio — quem 'pagou o pato' foi o povo, e principalmente uma geração subsequente. Pode nos causar espécie, mas os pecados das autoridades costumam recair muito mais sobre o povão do que sobre elas mesmas. Sendo que a cobrança do sangue é entregue à sociedade (Gen. 9.6), quando o chefe do governo assassina não há mais quem cobre — enquanto permanecer no poder fica impune (quanto à pena máxima). Mas a terra fica contaminada, e o povo paga. Resulta dali que todo cuidado é pouco na escolha dos nossos governantes. Parece-me que como povo evangélico temos sido muito negligentes nesta área, e estamos pagando as conseqüências. Devemos procurar discípulos verdadeiros de Jesus Cristo, íntegros, insubornáveis e capazes, e com eles disputar cargos em todos os níveis governamentais. E devemos obedecer 1 Timóteo 2.1-4.

"Muitos ex-assassinos agora são convertidos e estão servindo ao Senhor, alguns até com destaque. Devem eles ser executados?" Eles ainda vivem devido à lei e à cultura do país que não respeitam as normas do Criador. Presumivelmente eles estão quites com a lei atual e portanto não há contexto social para executá-los. O problema maior é corrigir a lei, pois o próprio Criador estabelece que devemos obedecer as autoridades constituídas. Entendo que qualquer um que se converter genuinamente procurará fazer restituição pelo mal que já praticou. Ladrão procura restituir o que roubou. Mentiroso procura desfazer as conseqüências de sua mentira. Já assassino não pode restituir ou indenizar — não há como. O crime de assassinio é irreversível (a não ser que Deus devolva a vida). A graça de Deus pode alcançá-lo, mas a "culpa do sangue" tem que ser cobrada — a sociedade e a própria terra pagam. A questão maior seria esta: é justo castigar a sociedade e a terra só para beneficiar um indivíduo? Deus sempre procura fazer o mal reverter para o bem de alguma forma, tirar algum proveito mesmo dentro de um quadro social estragado, mas não passa de um paliativo — a solução adequada é a sociedade abraçar as normas do Criador. E é para isso que o povo de Deus deveria estar trabalhando. (O caso de Saulo de Tarso não se enquadra aqui porque ele estava "executando", cumprindo ordem superior do Sinédrio.)

"Se a pena máxima fosse reinstituída no Brasil, seria aplicada de forma injusta — os pobres seriam executados, mas os ricos achariam sempre meios de escapar." Parece claro que na atual conjuntura social e política aconteceria isso mesmo; a lei seria aplicada de forma desigual. E daí? Será argumento suficiente para ficar com a situação desastrosa como está? Parece-me óbvio que teremos que lutar em diversas frentes ao mesmo tempo. Entre elas temos que trabalhar em direção a um judiciário insubornável. Contudo, qualquer diminuição na "culpa do sangue" que nos assola seria vantagem.

"Existindo pena de morte corre-se o risco de executar pessoas inocentes." Claro, sempre haverá risco nesta vida. Creio, no entanto, que o próprio Criador há de concordar que é preferível errar tentando fazer o certo do que errar por omissão ou mesmo rebelião. Quer dizer, iremos

diminuir a "culpa do sangue" que paira sobre nós, porque os enganos representarão uma porcentagem pequena do total de execuções. E nem sei até que ponto um engano sincero será cobrado; isto é, quando a sociedade, querendo obedecer o Criador, executa um suposto assassino que não o é de fato.

"A pena de morte não resolve as causas do assassinio, como a injustiça social, etc." Talvez seja este o argumento que mais se lê e ouve sobre nosso assunto. Reflete pressuposições humanistas/relativistas/materialistas, e não bíblicas. Prega-se que o indivíduo é fatalmente produto de seu contexto e portanto não tem responsabilidade pessoal — a culpa é da sociedade. Só que o Criador discorda frontalmente dessa ótica. O ser humano é criado com consciência, com arbítrio, com escolha; não é animal, não é robô — pode superar seu contexto. Cada indivíduo é pessoalmente responsável por seus atos, e é por isso que haverá prestação de contas. Certamente devemos nos esforçar para corrigir as injustiças sociais, mas nada disso resolve a "culpa do sangue".

### **Conclusão**

"Pena de vida" — é isto que estamos vivendo no Brasil atual, pois fazemos parte de uma sociedade que está sob a ira do Criador. E nós os evangélicos temos culpa por isso. Não temos sido "sal" nem "luz"; compactuamos com os valores humanistas da sociedade em vez de denunciá-los. Vamos correr atrás do prejuízo, irmãos. Antes tarde do que nunca! Vamos assumir publicamente os valores bíblicos, de forma consciente e coerente. Vamos levantar a voz profética de quem tem compromisso total com Jesus Cristo, sua Palavra e seu Reino, custe o que custar. Quem sabe, talvez Deus nos conceda transformar a sociedade para que Ele possa sarar a nossa terra (2 Cron. 7.14). Mas se nem o povo de Deus quer "se converter dos seus maus caminhos", então não há mais esperança. Nossa terra está condenada!

Dr. Gilberto Pickering  
Brasília, 24-05-2006